

PLACAR

TODOS OS ESPORTES

A NOVA ALMA TRICOLOR

Casagrande: dois gols na goleada sobre o Santos



**RECORDE MUNDIAL DEVERIA SER DE JOAQUIM CRUZ
VÔLEI AMERICANO ENTREGOU JOGO PARA O BRASIL**

ACRE, ALAGOAS, AMAPÁ, AMAZONAS, BAHIA, CEARÁ, MARANHÃO, MATO GROSSO, PARÁ, PARAÍBA, PERNAMBUCO, PIAUÍ, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE: Cr\$ 3 200 - 0563



Em meio à tensão santista, Serginho se julga perseguido e fala em parar de jogar futebol

FUTEBOL

CAMPEONATO PAULISTA

O Santos cai de 4

Na primeira derrota, um dilúvio: 4 x 1 para o irresistível São Paulo, que sobe e leva também Palmeiras e Corinthians para a linha de frente



SÉRGIO BEREZOVSKY

SÉRGIO MORAES



RONALDO KOTSCHO

Careca tirou Márcio da área e liquidou o Santos no quarto gol



Casagrande — com Humberto — é o responsável pelo sangue tricolor

“**E**m toda palestra que fazemos, estamos repetindo a mesma coisa: o Santos pode perder este campeonato para si próprio.”

Quem leu PLACAR na semana passada viu o alerta do supervisor Zito, referindo-se à instabilidade emocional de sua equipe, que no sábado escapara de perder a invencibilidade para a Portuguesa. Domingo passado, enfim, a sabedoria dessas palavras desabou sobre o time: logo aos 13 minutos de jo-



Humberto e Pita enfrentaram-se com as camisas trocadas pela primeira vez. Pita evitou o olé

SÉRGIO BEREZOVSKY

go o lateral Nelsinho, do São Paulo, pingou uma bola sobre a área. Careca ganhou de Márcio e cabeceou raspano o travessão. Em vez de buscar a bola atrás do gol, Rodolfo Rodríguez partiu para cima do zagueiro central, caindo na pequena área, e passou-lhe uma descompostura (segundo os fotografos, ali ao lado, chegou a tocar-lhe de leve com a ponta da chuteira). Márcio levantou-se e deu uma peitada no goleiro, contribuindo para o surrealismo da cena: dois colegas de time quase aos tapas, separados pelos companheiros, para espanto geral do público. Ali, com o marcador de 0 x 0, o Santos começou a cavar com as próprias mãos o buraco em que se enfiaria até o final da partida, soterrado por uma goleada de 4 x 1, que acabou sendo amena para quem se perdeu completamente em campo. Três minutos depois, o São Paulo faria o primeiro gol

(Pita); mais 2 minutos e viria o segundo, Casagrande de cabeça. De nada adiantou o Santos esboçar uma reação, porque até o fim do primeiro tempo o São Paulo aplicaria o nocaute através de mais uma cabeçada de Casagrande. No segundo tempo, Careca faria o Santos cair de quatro.

Márcio nem chegou a ver inteiramente o tombo sofrido por seu time. Saiu no meio-tempo alegando uma contusão, tomou banho e se vestiu. Enquanto o Santos voltava a campo para levar o último gol — Careca — e zanzar inutilmente atrás de um esquema de jogo, Márcio afundava-se no ônibus que levaria o time de juniores — também derrotado na preliminar — de volta à Vila Belmiro antes do final da tarde. “Não consegui entender o que aconteceu hoje”, diz o armador Lino, autor do gol do Santos. “Não houve briga no vestiário, como andaram su-

pondo, nem ficamos desesperados com a derrota. Só perplexos: me pergunto como pôde acontecer um desastre tão grande com a defesa, que vinha sendo o destaque do time, principalmente nas bolas altas.”

Domingo, de fato, cada cruzamento na área era um inferno para o Santos. Em parte por causa da fragilidade da dupla central Márcio-Toninho Carlos, que nunca foi brilhante e sabe Deus como era titular da Seleção de Parreira. Bastou Careca tirar Márcio da área, que sobe melhor de cabeça, para deixar Toninho Carlos perdido diante de Casagrande, que deitou e rolou nas bolas altas.

Nervoso, desagregado, o Santos foi mergulhando em seu pesadelo. Mas apenas isso não explicaria a goleada. Jogasse mal também o São Paulo, e o público que rendeu mais de 140 milhões de cruzeiros assistiria a uma par-

tida monótona, de pouca técnica. Mas domingo foi uma dessas raras ocasiões em que um só time é capaz de fazer o espetáculo. O torcedor do São Paulo tem de buscar fundo na memória para encontrar comparação entre esta equipe, que se vem recuperando admiravelmente no Campeonato, e alguma outra do passado. Talvez tenha de voltar várias décadas no tempo (nos anos 70 e início dos 80, apesar de vários títulos, jamais chegou a empolgar). A questão não é apenas técnica: este time, além de talentoso, exibe uma empolgação incomum na história do clube.

A mola dessa transformação é um jovem de 21 anos, que dois meses atrás considerava a possibilidade de largar o futebol. Crescido no Corinthians, Casagrande entrou de corpo e alma na experiência que liberalizou as relações entre o clube e o jogador, deixando aos atletas a responsabilidade de se controlar fora de campo. Quando balançou a democracia corin-

tiana, sacudida por desavenças de diretoria, que culminaram com a venda de Sócrates e a demissão do técnico Jorge Vieira, Casagrande viu-se marginalizado. Ficou 50 dias sem jogar, até que foi emprestado para o São Paulo por 40 milhões de cruzeiros até o final do

ano. Talvez o São Paulo não tenha tido coragem de bancar uma proposta definitiva por um jogador de temperamento difícil, até então reconhecido no máximo como um bom coadjuvante de Sócrates. Talvez o Corinthians nem aceitasse conversar sobre uma venda, como jura o vice-presidente Adílson Monteiro Alves — para ele, as pressões sobre o craque eram tantas no Parque São Jorge que sua recuperação teria de se realizar longe dali.

É impossível prever o que acontecerá no final do empréstimo — se Casagrande manterá a forma exuberante, se as diretorias do São Paulo e do Corinthians entrarão num leilão para seduzir o craque. Por enquanto, a verdade é que ele mudou o São Paulo. Nem se fala no toque de bola que exibe na nova função de terceiro homem de meio-campo, uma surpresa para a torcida. Nem da conhecida impetuosidade no ataque, que domingo rendeu seus primeiros dois gols e uma raríssima cabeçada de fora da área que explodiu no travessão, depois de encobrir Rodolfo Rodríguez, adiantado no lance. O impressionante em Casagrande é vê-lo conseguir contagiar a tradicionalmente gelada torcida tricolor, instigada pelo artilheiro depois de cada gol. Uma jogada eletrizante de tempos em tempos, a vibração da torcida mantida no inter-



O Corinthians em campo para vencer o Juventus, saudado pela fumaça negra

SÉRGIO MORAES



Depois do desentendimento entre Rodolfo Rodríguez e Márcio, o Santos acabou

NICO ESTEVES

valo de cada emoção — assim Casagrande tem colocado a arquibancada ao lado do time, num volume capaz de desnortear uma equipe de massa, como o Santos. “Eles ficaram completamente perdidos em campo, com os nervos à flor da pele”, divertia-se o meia no vestiário do Morumbi.

A seu lado, Pita concordava: “É lógico que eles se perturbaram, levando um gol depois do outro. É aquele negócio de líder invicto, sentindo que vai conhecer sua primeira derrota”. Foi um jogo emocionante também para Pita, que enfrentava pela primeira vez a

camisa que vestiu por 11 anos. Jogador mais introvertido que Casagrande, ele diz que não sentiu um prazer especial em derrotar o Santos — e é para acreditar: nos últimos minutos, enquanto o São Paulo esboçava um olé, Pita visivelmente parou em campo, como a deixar claro que não queria magoar mais sua antiga torcida. Aquela altura, o Santos estava inteiramente entregue, desmoralizado por dribles que o ponta Sídney conseguia aplicar no lateral Chiquinho. Serginho não mais tentava vencer Oscar e Darío Pereyra no peito nem tinha mais ânimo de reclamar

com o juiz João Leopoldo Ayeta. No vestiário, surpreendentemente calmo e sorridente, ele só reclamava de sua sina: “Veja só, eu fiquei quietinho o jogo todo. Reclamei uma única vez, numa boa, como capitão, e o homem me lascou o cartão amarelo. Acho que tenho mesmo de parar de jogar futebol, sou um cara marcado”.

A grande preocupação no vestiário santista era mostrar que a goleada não teria o poder de provocar uma crise. “Dê uma olhada aí em volta”, convidava Paulo Isidoro. “Normalmente numa derrota a gente procura sair logo ▶

Sídney deu um verdadeiro baile no lateral Chiquinho e ajudou a desmoralizar o líder paulista



do estádio, é natural. Mas pode ver, está todo mundo dando entrevista." De fato, a intranqüilidade que se viu em campo não era notada no vestiário do Santos, onde todos elogiavam o adversário mais do que criticavam o juiz, como é de praxe. "O São Paulo esteve iluminado, muito bem aplicado", reconhecia o técnico Castilho. "Foi Careca quem decidiu o jogo, matando o Santos no contra-ataque e abrindo a nossa defesa", analisava Humberto, que também fazia o primeiro jogo contra o antigo clube, o São Paulo.

Justifica-se a preocupação do Santos de não fazer tempestade desse, digamos, balde d'água que caiu sobre sua cabeça no Morumbi domingo. Apesar da derrota, o time ainda é o líder do Campeonato Paulista, a três rodadas do final do primeiro turno, com um ponto ganho sobre o Palmeiras, a três do São Paulo (que tem um jogo a menos) e a quatro do Corinthians. Elogiando todo mundo no vestiário, eufórico, agradecendo até a bênção do papa recebida na viagem a Roma, há duas semanas — "se Deus está conosco, ninguém pode estar contra nós" —, o folclórico treinador Cilinho, que surpreendeu os jogadores sábado na concentração enfiando sob seus travesseiros mensagens como "de que jeito você prefere comer o peixe?", depois do jogo não escondia a satisfação. "Essa vitória do São Paulo valeu para todo o campeonato. Num torneio por pontos corridos, um líder não pode disparar. Agora ficou todo mundo junto."

Realmente, a vitória tricolor foi comemorada também por palmeirenses e corinthianos, que voltaram a encostar no líder. Sábado, despedindo-se do Brasil — joga nesta quarta-feira contra a Fiorentina, em Florença, com transmissão pela Rede Globo —, o Corinthians subiu mais um degrau em sua recuperação. Saudado por 15 000 torcedores, que envolveram os jogadores numa espessa fumaça preta em sua entrada em campo, o time jogou bem e fez muito



FOTOS MAURICIO COUTINHO

Paulo Roberto "confiou no velhinho" e fez seu primeiro gol

mais que o gol marcado por Paulo César, que lhe deu a vitória sobre o Juventus. Tarefa muito mais difícil teve o Palmeiras no dia seguinte, ao enfrentar a Ferroviária em Araraquara. Contra um adversário apavorado com a péssima campanha que realiza (é o antepenúlti-

mo classificado, à frente apenas de Taubaté e Taquaritinga, que seguram juntos a lanterna), o Palmeiras não esteve bem. Sentiu principalmente a falta de Jorginho do meio-campo para a frente, mas contava com Mário Sérgio, que voltou a dominar o setor e fez a jogada do único gol. "Confia no velhinho. Vai lá pra área e espere a bola no primeiro pau", segredou ele ao lateral-esquerdo Paulo Roberto na cobrança de uma falta pela ponta. Paulo Roberto confiou no velhinho e recebeu a bola livre para marcar seu primeiro gol pelo Palmeiras.

Mais que a vitória de domingo, o renascimento do Palmeiras é um exemplo principalmente para o Santos, no momento em que este sofre seu primeiro tropeção. Mas o exemplo vale para todos os outros grandes clubes paulistas. O Palmeiras, que promete fazer um clássico eletrizante contra o embalado São Paulo no próximo domingo, ao se impor novamente depois de uma sucessão de péssimos resultados, provou que, tendo futebol nos pés, é possível voltar revigorado do fundo do poço. □



O Palmeiras ensinou ao Santos como sair de uma crise

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ